

Introdução

JOÃO DUQUE

A modernidade habituou-nos, sem dúvida, a uma presença demasiado racionalista no mundo. E a Teologia, mesmo a Igreja, não deixaram de ser contaminadas por essa tendência. Em realidade, de modo bastante estranho, pois a dimensão afectiva sempre foi muito viva em toda a tradição cristã. Basta pensarmos no próprio conceito cristão de Deus, como amor, e na rainha das virtudes, a caridade. Sem descurar uma racionalidade verdadeira, o cristianismo é, essencialmente, vida dos afectos. E a análise dos afectos conheceu, na história dos escritos teológicos e espirituais, autênticas obras-primas.

Entretanto, a cultura contemporânea vai colocando em causa o racionalismo acentuado da modernidade. E a preocupação com a afectividade vai crescendo. Ao mesmo tempo, desenvolvem-se estudos e propostas, com recursos a novos conhecimentos científicos, que permitem alicerçar doutro modo a sabedoria de séculos, acerca das nossas paixões. Estarão a Igreja e a Teologia ainda demasiado presas à centralidade da razão moderna, ou serão capazes de se abrir a uma reflexão profunda sobre aquilo que é eminentemente nosso: o modo de vivermos as relações humanas, com base no mais profundo sentimento do amor?

A Semana de Estudos deste ano, organizada como habitualmente pelo Núcleo de Braga da Faculdade de Teologia, em colaboração com o Auditório Vita e o Secretariado Arquidiocesano da Formação Permanente dos Presbíteros, pretende oferecer uma passagem por este assunto, não para o esgotar, mas para impulsionar o seu tratamento. Após um primeiro dia de reflexão teológica sobre os afectos, o segundo dia levar-nos-á ao diálogo com as ciências, sobretudo a psicologia, a psiquiatria e a medicina. Por último, iremos pensar a base de toda a reflexão cristã sobre o assunto, seja em perspectiva bíblica seja em perspectiva histórico-filosófica. A nossa semana terminará com quatro ateliers simultâneos, sobre algumas das dimensões de aplicação prática e pastoral da educação dos afectos.